



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTROPOLOGIA – DIVERSIDADE
CULTURAL LATINO-AMERICANA**

**ISLÃ EM FOZ DO IGUAÇU:
NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE A RELIGIÃO.**

Marcelle Ferreira De Araújo Andrade

Foz do Iguaçu
2017



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTROPOLOGIA – DIVERSIDADE
CULTURAL LATINO-AMERICANA**

**ISLÃ EM FOZ DO IGUAÇU:
NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE A RELIGIÃO.**

Marcelle Ferreira De Araújo Andrade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana.

Orientador: Prof. Dr. Andrea Ciacchi.

Foz do Iguaçu
2017

Marcelle Ferreira De Araújo Andrade

**ISLÃ EM FOZ DO IGUAÇU:
NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE A RELIGIÃO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana.

BANCA EXAMINADORA

_____ Orientador: Prof. Dr. Andrea Ciacchi
UNILA

_____ Prof. Dr. Anaxsuell Fernando da Silva
UNILA

_____ Prof. Dra. Angela Maria de Souza
UNILA

Foz do Iguaçu, 14 de dezembro de 2017.

Dedico este trabalho à Dona Cida (in memoriam). Avó dedicada, mãe do coração, amiga, companheira de sonhos e aventuras. Exemplo de persistência e fonte de inspiração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, não só pela conclusão dessa monografia, mas por todo o trajeto que Ele me permitiu percorrer para chegar até aqui. Pelas experiências vividas e compartilhadas, pelas amizades, pelos sonhos realizados, pelo aprendizado, pelas mudanças, pelo cuidado, pelo consolo e força em tempos difíceis. Agradeço com a certeza de que sem Ele nada disso seria possível.

Agradeço a minha família que são as pessoas mais importantes da minha vida. Aos meus pais Denise e Marcelo pelo amor e apoio incondicional. Vocês são meus maiores exemplos, e eu sou muito grata a Deus pela vida de vocês. Obrigada por me incentivarem a voar, a sonhar e a me arriscar. Obrigada por serem o meu porto seguro. Ao meu irmão Felipe pela amizade, pelo companheirismo, pelos ouvidos e pelos conselhos. Agradeço a minha avó Cida (in memoriam) que infelizmente não pôde estar presente para celebrar comigo esse momento, mas que teve papel fundamental para que eu chegasse até aqui. A minha tia, madrinha de consideração e amiga sempre presente, Elisa. Tia, seu incentivo e exemplo foram fundamentais (Conseguimooooos! Uhuuuul!). Ao meu avô Mouacir que apesar do seu jeito caladão sempre demonstrou seu apoio e orgulho pelos netos e que sempre tem uma boa história para contar. Seu Mouacir, dessa vez quem está contando algo sou eu e espero que você goste. Ao meu tio Flavio que nunca maquiou a realidade da vida. Tio Léo obrigada pelo incentivo e apoio sempre. Agradeço também aos meus avós Paulo (in memoriam) e Néia (in memoriam) e aos meus tios Márcio, Marisa, Márcia, Kátia, Cleize, essa conquista também é de vocês. Eu amo muito todos vocês!

Agradeço também alguns amigos que foram fundamentais para a realização desse trabalho: Neusa, Tereza, Raquel, Adnan, Hanadi, Rosana, Paola, Eliz. Muito obrigada por compartilhar e me ensinar com paciência um pouco do islã. Sou grata e agradeço a Deus por ter conhecido vocês. Agradeço também ao pessoal da Sociedade Beneficente Islâmica de Foz do Iguaçu e ao Sheik Mohamad Khalil pela paciência, atenção e conversas.

E a UNILA me apresentou um monte de gente linda que eu também tenho o prazer de chamar de amigos. Amanda, obrigada por me entender quando nem eu me entendia e por me puxar para o chão. Eduardo Henrique, meu irmão do coração

aqui em Foz. Paulo Junior, estamos quase lá! Cassiano meu nobre amigo, sua amizade é preciosa. Alex meu amigo, te conhecer foi um presente, obrigada por me ensinar tanto! Danilo, obrigada pelo apoio e incentivo, por sempre me ouvir e estar presente. João Paulo, Daniel, Raphael, Alejandra, Luiz Phelipe, Ivânia, Franciele, João P., Fany, Eliane, Angela, David, Lis. Vocês foram – cada um a sua maneira e em diferentes ocasiões – família. Rir, chorar, desabafar, cantar, dançar, cozinhar, comemorar, bater papo inteligente ou apenas conversar sobre besteira, com vocês tudo se torna especial. Ezequiel, Daniel, Alan, Sofia, Magnus, Martin, Flavio e Ana, Mishel, Rosi, Raquel. Amigos e companheiros de fé. Compartilhar com vocês foi algo único. Eu agradeço a Deus pela amizade de vocês, vocês alegraram e me ajudaram a crescer durante essa caminhada.

Falando nas pessoas que conheci graças a UNILA, eu não posso deixar de expressar minha gratidão a algumas pessoas que me ensinaram. Andrea, obrigada por me orientar, pelo incentivo e por tudo que você me ensinou. Professor Anaxsuell obrigada pelas conversas e reflexões. Professoras Angela, Senilde, Fernanda, vocês são incríveis. Agradeço a todos os outros professores – não só do curso de antropologia, mas da universidade em geral – com quem tive aula e que contribuíram de forma significativa com a minha formação.

Agradeço também aos amigos da Peniel que apesar da distância se mantiveram presente. Pastor Ricardo e Tati, “Paistor” Ricardo e Vânia, obrigada pelo carinho de sempre. Jessica, Camila, Nina, Adam, sou grata pela vida de vocês. As orações, os conselhos, os sorrisos e as palavras de todos vocês foram fundamentais nessa etapa da minha vida.

Por fim, agradeço a cada um que contribuiu de forma direta ou indireta para que esse trabalho finalmente ficasse pronto.

Pois o que você ouve e vê depende
do lugar em que se coloca, como
depende também de quem você é.
C. S. Lewis

Andrade, Marcelle Ferreira de Araujo. **Islã em Foz do Iguaçu: notas etnográficas sobre a religião**. 2017. 47 páginas. Trabalho de conclusão de curso. Graduação em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana. Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2017.

Resumo

A investigação concentrou-se na religião islâmica. O presente trabalho é dividido em duas partes, que apesar de estarem correlacionadas, podem ser lidas de forma independente. Em busca de contextualizar o leitor, nos primeiros capítulos foi relatado o processo metodológico adotado para a construção desta monografia. Em seguida descrevi desde o momento em que imigrantes árabes chegam em Foz do Iguaçu até nossos dias, assim como as principais características da religião islâmica. No capítulo que finaliza este trabalho há a descrição de um relato pessoal, baseado na experiência vivenciada enquanto estudante de antropologia que ao realizar pesquisa de campo pela primeira vez constata que a prática muitas vezes difere substancialmente da teoria. Além do mais, ressalto que, o estudo foi fundamentado em um processo de autoconhecimento, permeado por sentimentos, dúvidas, inseguranças, e, sobretudo, por desconstruções.

Palavras-chave: Islã, Foz do Iguaçu, trabalho de campo.

Andrade, Marcelle Ferreira de Araujo. **Islam in Foz do Iguaçu: ethnographic notes about religion**. 2017. 47 pages. Work of Course Conclusion. Graduation in Anthropology – Latin American Cultural Diversity. Federal University of Latin American Integration, Foz do Iguaçu, 2017.

ABSTRACT

The investigation focused on the Islamic religion. The present work is divided into two parts, which, although correlated, can be read independently. In order to contextualize the reader, in the first chapters I reported the methodological process adopted for the construction of this monograph. Then, I described from the moment that Arab immigrants arrive in Foz do Iguaçu to our days, as well as the main characteristics of the Islamic religion. In the chapter that finalizes this work there is the description of a personal account, based on the experience lived as an anthropology student who, when conducting field research for the first time, notes that the practice often differs consubstantially from theory. Furthermore, I emphasize that the study was based on a process of self-knowledge, permeated by feelings, doubts, insecurities, and, above all, deconstructions.

Keywords: Islam; Foz do Iguaçu; fieldwork.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Livreto Islam em resumo	16
Imagem 2 - Trecho inicial da Du'a Kumail.....	26
Imagem 3 - Passagem final da Dua'a Abo Hamzah al-Thumali.....	27

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 METODOLOGIA	13
2.1 Revisão de literatura	15
2.2 Trabalho de campo	16
2.3 Escrita	18
3 O ISLÃ EM FOZ DO IGUAÇU	19
3.1 Muçulmanos brasileiro	21
3.2 A religião dos muçulmanos	22
3.2.1 Os cinco pilares da fé	22
3.3 Outras crenças e práticas	24
3.3.1 Jesus no Islã	27
3.3.2 Alimentação	28
3.3.3 A mulher no Islã	28
3.3.4 Além do lenço	29
4 ENTRE SENTIMENTOS, AFETOS E APRENDIZADOS NO CAMPO	31
4.1 O campo e o aprender constante	34
5 CONCLUSÃO	45
REFERÊNCIAS	46

1. INTRODUÇÃO

Os moradores da cidade de Foz do Iguaçu no estado do Paraná, provavelmente já se acostumaram a conviver com árabes e muçulmanos. Nos mercados e restaurantes pode-se escutar pelas ruas da cidade a diversidade na linguagem. Foi assim que surgiu o interesse no tema e por isso que eu escolhi escrever uma etnografia sobre a religião. Mais do que ver e conviver, eu queria conhecer a religião.

O trabalho se divide em três capítulos, cada um deles aborda a religião muçulmana de uma forma diferente.

O primeiro capítulo discute o tipo de metodologia utilizada, sendo apontado os motivos pelos quais foi escolhido o tema relacionado a religião. No mesmo é dissertado fontes utilizadas para a construção do conteúdo.

O segundo capítulo descreve a chegada da religião na cidade com a imigração árabe. Além de ser narrado a religiosidade, são descritas as crenças principais e desvelado como a doutrina faz parte do cotidiano muçulmano.

No último capítulo da monografia, foi relatado minha experiência com a antropologia, diante do trabalho de campo pela primeira vez e uma breve análise da teoria e a prática antropológica.

2. METODOLOGIA

Para realizar este trabalho foi necessário planejamento e reflexão. O conteúdo descrito tem como objetivo apresentar a metodologia adotada para a realização da pesquisa.

Antes de dissertar sobre as etapas da pesquisa, considero importante narrar o que levou a escolha da temática, para que seja compreendido o contexto em que o trabalho de campo se iniciou e a importância do primeiro contato para se conduzir a possível realização.

Meu interesse na religião islâmica surgiu quando cheguei em Foz do Iguaçu (Paraná) para realizar a graduação. Eu cresci em Praia Grande (São Paulo) e apesar de Santos ter uma mesquita que atenda a Baixada Santista, os muçulmanos sempre foram algo distante da minha realidade. Ainda assim, obtinha o interesse de conhecer o Oriente Médio. Quando via as mulheres de lenço na televisão, acreditava que utilizam aqueles trajes porque eram obrigadas por seus maridos e não tinham escolha.

Ao chegar em Foz do Iguaçu, ver as mulheres muçulmanas na rua, no centro comercial da cidade com seus lenços, ir no mercado, ouvi-las conversando em árabe com seus filhos e descobrir que a cidade tem uma mesquita que podia ser visitada pelo público, despertou ainda mais minha curiosidade.

Entretanto, diferente do período escolar em que eu estava interessada em estudar o Oriente Médio e me parecia ser uma realidade distante, dessa vez, os muçulmanos se encontravam bem próximos, tornando-se assim, real a possibilidade de fazer a pesquisa.

Na antropologia temos a etnografia como principal método. De acordo com o antropólogo colombiano Luís Guillermo Vasco, comumente:

“(...) la etnografía trabaja sobre la base de hacer una preparación antes de ir a terreno: se revisa la bibliografía, se elabora un proyecto etc., etc. Luego se va al campo para recoger la información, y después se regresa para organizarla, analizarla y escribir.” (2017. P.22)

Geralmente os pesquisadores vão a campo com um projeto de pesquisa definido, sabendo exatamente o que pesquisar, outros vão com o objetivo de confirmar suas teorias através das observações e entrevistas.

Elaborar um projeto, ir a campo e depois escrever parece simples, não? Para mim não foi, apesar de ler diversos artigos relacionados ao islã, eu tinha a sensação de que alguma coisa faltava, algo ali não fazia sentido.

“Viabilidade”, essa era a tal coisa que me deixava preocupada. Viabilidade era um dos tópicos do projeto dos quais deveriam ser elaborados. Eu precisava garantir ao meu orientador que obtinha condições logísticas necessárias para tirar o meu projeto do papel e torná-lo prática.

Mas, como saber se eu conseguiria pesquisar o islã se até aquele momento meu contato tinha se resumido a uma entrevista com um sheik – na qual eu estava acompanhada de alguns amigos e que foi totalmente informal – e a conversas aleatórias com comerciantes muçulmanas para um trabalho final de uma disciplina?

O fato de não ter tido contato direto com a comunidade muçulmana de Foz do Iguaçu me deixava insegura se o meu trabalho seria possível. É nesse sentido que eu digo que o campo – e aqui me refiro a minha participação em atividades da comunidade – mudou completamente o rumo da minha pesquisa. Foi apenas após o contato e algumas observações participantes que passei a definir um foco.

O que eu chamo de contato inicial é na verdade um curso do qual fiz no Centro Cultural Islâmico Ahlul Bayt. Um dia um amigo me disse que o centro cultural oferecia um curso aberto ao público sobre o islã. Eu me inscrevi e fui.

Na verdade – e isso fica entre nós – eu não fazia ideia de como seria o curso ou o que esperar, mas fui. Só depois de algum tempo, notei que esse centro cultural pertencia ao seguimento xiita da religião. A partir do curso surgiram outras oportunidades.

No islã e principalmente na comunidade muçulmana que da qual tive contato, a divisão de gênero se faz presente durante todo o tempo e foi uma das primeiras coisas que percebi e senti.

Homens e mulheres sentam em locais opostos, a sala de orações possui uma divisão. Em outra ocasião participei de um evento em que as mulheres saíram por um local diferente dos homens (pelo nervosismo acabei não reparando se foi a mesma coisa na entrada, mas imagino que sim). Por essa razão, grande parte das atividades das quais participei eram voltadas apenas para mulheres (leitura de súplicas, aulas de religião, etc.), principalmente no começo do contato. Esse foi um dos fatores que me levaram a definir a mulher muçulmana como foco da pesquisa.

Durante essa época meu contato com a comunidade se tornou frequente, eu

participava de diversas atividades, tais como aulas de religião (algumas vezes em grupo apenas de mulheres), palestras, leituras de súplicas e eventos temáticos (como o dia do muçulmano). Foi assim por aproximadamente cerca de um ano – entre julho de 2014 a julho de 2015.

Durante esse tempo, busquei participar de todas as atividades das quais conseguia. Cada conversa, cada reunião e encontro era – e ainda é – sinônimo de um novo aprendizado. Se você que está lendo é um pesquisador e já fez campo, você sabe exatamente como me senti.

No segundo semestre de 2015, por um motivo pessoal precisei me ausentar da cidade por alguns meses. Quando voltei, apesar de querer, não conseguia participar da mesma forma que antes e acabei me afastando, mantendo contato com algumas amigas e participando de eventos esporádicos.

O trabalho de campo foi fundamental na construção desse texto. O campo me deu a oportunidade de conhecer a religião muçulmana e produzir uma pesquisa sobre suas crenças.

A pesquisa foi fundamentada em três momentos principais. A revisão de literatura, o trabalho de campo e a escrita.

2.1 Revisão de literatura

Ao longo do meu texto – principalmente nos capítulos dois e quatro que tratam respectivamente sobre o islã e sobre a pesquisa de campo – optei por usar o máximo das informações obtidas, como conversas, entrevistas e aulas que frequentei. Isso não quer dizer que este trabalho se baseia apenas nestas informações, alguns textos e autores foram fundamentais, principalmente no início da pesquisa quando o islã ainda era desconhecido para mim. Por isso, nesta pequena revisão de literatura apresento trabalhos que foram fundamentais para a construção desse texto.

Foz do Iguaçu conta com pesquisas sobre sua comunidade árabe. Elas tratam principalmente da imigração, identidade e prática da religião na fronteira. Rabossi nos ajuda a entender como se deu a imigração árabe para Foz do Iguaçu, enquanto que Coeli apresenta de forma detalhada a comunidade que se formou e como está se relaciona com a cidade. Uma antropóloga que é considerada referência no estudo da religião islâmica é a Francirosy Ferreira.

A professora escreve sobre gênero e também sobre fazer trabalho de

campo em comunidades muçulmanas (FERREIRA,2009). É organizadora do livro *Olhares femininos sobre o Islã* que reúne etnografias de diversas pesquisadoras da religião. Outra autora que escreveu um artigo que foi fundamental para mim antes de ir a campo é a Claudia Voigt Espinola. Seu texto nos ajuda a entender sobre a mulher na religião e nos mostra quais os direitos que a doutrina garante às mulheres muçulmanas.

A partir de um determinado momento em campo, eu me dei conta de que sempre que visitava a mesquita ou participava de algum evento da religião eu ganhava algum tipo de folheto que explica algum tema específico do islã.

Não sei você, mas eu enquanto pesquisadora acho que tudo é importante, com o tempo eu juntei diversos desses folhetos que considero como fontes religiosas. Quando chegou o momento da escrita eu não poderia deixá-los de fora. “WAMY, 2016?” foi o que usei para definir alguns aspectos da religião, é um exemplo. A citação corresponde ao livreto *Islam em resumo* – sem ano de publicação aparente – que foi publicado pela WAMY América Latina, uma organização internacional, não governamental que atua através de programas culturais, educacionais e sociais[1].



Imagem 1 -Livreto Islam em resumo. (Imagem: Marcelle.)

2.2 Trabalho de campo.

O trabalho de campo teve duração de aproximadamente um ano, durante esse tempo:

* Fiz observações participantes de aulas de religião que a comunidade muçulmana xiita ofereceu e de alguns eventos abertos ao público na sociedade beneficente islâmica. Quando possível – e com autorização prévia – eu gravei e registrei em imagens as aulas e os eventos, embora foram poucas as vezes que o fiz.

A maior parte das atividades em que participei eram apenas com mulheres e eu não sentia que existia o clima para pedir autorização para fazer as imagens, já gravações de voz, eram mais aceitáveis. No começo eu sempre pedia para gravar a aula do dia, com o tempo, algumas chegaram a perguntar se eu gostaria de gravar determinada aula ou falavam diretamente que eu deveria gravar pois o tema era muito interessante e seria bom para minha pesquisa.

* Busquei manter um diário de campo com pensamentos, ideias e desabafos e relatos sobre situações vivenciadas ali. Para ser sincera, eu não mantive apenas registros escritos, algumas vezes a aula ou atividade era tão intensa que escrever não seria suficiente para expressar o que eu estava sentindo ou pensando. Em alguns dias ao chegar em casa eu simplesmente ligava o gravador do celular e descrevia tudo o que eu estava sentindo e pensando e algum tempo depois eu os transcrevia.

* Fiz entrevistas semiestruturadas individuais. Meu objetivo era permitir que meus interlocutores compartilhassem sua experiência e sanar dúvidas sobre questões da religião. A entrevista permitiu aprofundamento em questões observadas em campo.

Um dos problemas dessa técnica é o risco do desvio do assunto principal durante a entrevista, por isso mantive cuidado especial na condução das mesmas. Para este trabalho eu realizei duas entrevistas “oficiais”. Uma com o sheik Mohamad Jaafar Khalil e outra com uma muçulmana brasileira revertida, que neste texto está citada como “U”.

O sheik – fazendo uma comparação que todos possam entender – é como se fosse um pastor da comunidade. Além disso, ele é um estudioso e profundo conhecedor da religião. É também o responsável por aconselhar sobre questões religiosas e pessoais, é ele que administra o dinheiro e doações que a comunidade recebe. Nossa conversa aconteceu em junho de 2015. Já a U nasceu

brasileira e conheceu a religião através do marido na década de 80. A entrevista com ela foi realizada em novembro de 2014 quando ela tinha 45 anos.

* Além das entrevistas, conversas informais tiveram papel fundamental nesta pesquisa. Elas me ajudaram a conhecer a religião, entender algumas relações que se formam a partir da mesma. Embora tenha tido oportunidade de conversar com pessoas de alto grau de conhecimento da religião (como o sheik por exemplo), meu maior contato foi com mulheres muçulmanas brasileiras.

A pesquisa de campo foi o momento mais intenso da minha pesquisa e que mais gostei de fazer.

2.3 Escrita

A escrita foi a fase final da pesquisa, quando transformei em pesquisa o que vi e ouvi em campo. Considero esse o momento em que tive mais dificuldade, pois em campo tudo despertou meu interesse.

Apesar de ter um projeto de pesquisa e um foco, era como se eu estivesse em um novo mundo, cheio de possibilidades para explorar e eu escrevia no meu diário sobre tudo, não necessariamente apenas sobre o meu tema inicial.

Logo quando começou a etapa da escrita, me vi cheia de anotações que não necessariamente tinham relação com o recorte que tinha escolhido inicialmente para minha pesquisa.

Uma importante decisão que tomei no momento da escrita foi não utilizar o nome das pessoas que conversaram comigo durante a pesquisa – exceto no caso do sheik. Ao invés de nomes optei por escolher letras do alfabeto de forma aleatória.

Também modifiquei trechos do meu diário de campo que continham informações descrevendo características pessoais. Por exemplo, em um dos relatos do capítulo final, eu me encontro com uma amiga. No meu diário eu a descrevo em detalhes, cito inclusive o lugar em que ela mora. Considero ainda que nenhuma dessas modificações prejudicou o sentido do que estava sendo relatado.

3 O ISLÃ EM FOZ DO IGUAÇU

“Conheça a religião para saber quem são seus verdadeiros seguidores”
(N. em uma das aulas de religião em que participei).

A cultura árabe na cidade que fica no Paraná pode ser observada desde os menores detalhes – como na venda de doces árabes em padarias – aos mais grandiosos – como a mesquita Omar Ibn Al-Khattab.

Segundo Montenegro e Pinto a comunidade árabe do Brasil é composta por diversas levas imigratórias que se iniciaram no século XIX e que devido à hostilidade política no Oriente Médio se intensificaram nos últimos anos.

Para Fernando Rabossi (2004) os imigrantes chegavam primeiramente no porto de Santos, iam para São Paulo onde tinham parentes, contatos ou conhecidos e recebiam um apoio – geralmente composto por certa quantidade de mercadoria – para iniciar sua vida no país. Exerciam a atividade de mascate (vendedor ambulante) e em busca de novos mercados e menor fiscalização, vão em direção ao interior do país até conseguirem se estabelecer em alguma cidade.

O comércio foi uma atividade essencial para a consolidação dos imigrantes no país – principalmente no caso da cidade de Foz do Iguaçu – pois era uma forma de se obter retorno financeiro e acumular capital rapidamente.

Na cidade os primeiros imigrantes árabes chegam nas décadas de 1950 e 1960. Com a inauguração da ponte da amizade em 1965 e a possibilidade de comércio no Paraguai, a comunidade árabe se estabilizou na região. A partir dos anos 70 devido a conflitos no Oriente Médio a imigração aumentou, foi nesse momento que muitas famílias se fixaram na cidade buscando melhores oportunidades de vida. (Rabossi, 2004)

Os imigrantes com o tempo introduziram sua cultura e religião no município. A partir da década 80 diversas instituições muçulmanas se estabelecem na cidade. Os sunitas contam com a mesquita Omar Ibn Al-Khattab que foi inaugurada em 1983 e que abriga uma escola árabe, ao passo que a comunidade xiita está representada na Sociedade Beneficente Islâmica de Foz do Iguaçu – inaugurada em 1988 – e na Escola Árabe Brasileira de Foz do Iguaçu. (2010, p.6-7).

A comunidade xiita criou em 1988 a Sociedade Beneficente Islâmica de Foz do Iguaçu, a construção do prédio onde funciona foi finalizado em 1993 e inclui a

Hussayniah Imam Al-Khomeini. Dessa associação também depende uma escola, Escola Árabe Brasileira de Foz do Iguaçu, localizada em outro ponto da cidade. (MONTENEGRO, PINTO. 2010. 6 e 7).

O islã possui algumas escolas de pensamento, as duas principais são a sunita e a xiita. Para Francirosy Ferreira:

Os muçulmanos dividem-se aproximadamente em sunitas (90%), xiitas (10%). São sunitas aqueles que acreditam na Suna, ou compilação de Hadiths, que são os ditos e feitos do profeta Muhammad. Os sunitas derivam de Abu Bakr, sucessor do profeta após sua morte. Os xiitas fazem parte de uma outra linhagem de sucessão do profeta, na qual seu primo e genro Ali assume o seu posto, dividindo assim os muçulmanos. (Ferreira, 2009, p.3).

Como mencionado anteriormente, a pesquisa se concentrou na comunidade muçulmana xiita de Foz do Iguaçu. Foi com eles que fiz cursos e aulas de religião, com o sheik entrevistado e citado neste trabalho, as pessoas que conheci e conversei fazem parte desse seguimento da religião.

“No ano de 1983 o primeiro sábio/sheik xiita chegou ao Brasil. A comunidade xiita era uma comunidade também fraca, uma comunidade mínima, especialmente aqui em Foz do Iguaçu. Chegou um sábio chamado Mohammad Tabatabai e depois chegou outro sábio chamado Nuedir, sábios lúcidos de alta qualidade de teologia.

Chegaram e começaram a pregar, começaram a dar aulas, começaram ensinar e começaram também a motivar as pessoas para contribuição, para participação e para demonstrar sua identidade como xiitas, como comunidade xiita no Brasil. No começo o trabalho teve dificuldades, teve desafios como qualquer iniciação de qualquer assunto e foi até que se formou está husseinie, esta casa aqui do Imam Hussein, se formou esta comunidade. Chegaram aqui milhares de pessoas, milhares de jovens. Alguns ficaram aqui, outros foram para outros países, para outras cidades no Brasil e outros agora estão voltando de novo.” (Sheik Mohamad Jafar Kalil).

De acordo com o sheik a comunidade xiita de Foz do Iguaçu é uma “comunidade corrente”. Atualmente a comunidade é composta por famílias. Na década de 80 até meados de 90, a maior parte da comunidade era jovem, nos últimos vinte anos os jovens se casaram.

Essas famílias que criaram raízes na cidade, possuem filhos em escolas

brasileiras e estudam nas universidades do Brasil e do Paraguai. Ainda segundo ele, a maioria dos muçulmanos da região são libaneses, cerca de 98%, os demais se dividem entre sírios, palestinos, alguns poucos iraquianos e paquistaneses. Na entrevista que fiz com o sheik em junho de 2015, ele disse que a comunidade contava com cerca de sete mil membros que vivem em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este (Paraguai).

É importante salientar que árabe e muçulmano não são sinônimos. Árabe se refere ao indivíduo de origem do Oriente Médio, ele pode ser muçulmano, cristão, católico ou adepto de qualquer religião. Enquanto que, muçulmano é quem segue ao islã. Nesse sentido podemos ter árabes evangélicos e brasileiros muçulmanos.

3.1 Muçulmanos brasileiros

Montenegro e Pinto apontam em relação a comunidade muçulmana do Brasil que:

(...) existe um crescente número de brasileiros não-árabes que se convertem ao Islã através de relações pessoais (introduzidos ao Islã através de relações de trabalho, amizade ou casamento) ou do trabalho missionário que começa a ser feito por instituições muçulmanas organizadas em mesquitas (...). (Montenegro, Pinto, 2010, p.3).

De acordo com Francirosy Ferreira, “o muçulmano considera que todos nascem muçulmanos, mas muitos se afastam de Deus, o retorno a Deus é chamado por eles de reversão.” (Ferreira, 2009, p.2). Revertido nesse contexto é a pessoa que conheceu a filosofia do islã e passou a professar a religião.

Ainda segundo a autora (...) “Na concepção islâmica todos nós nascemos muçulmanos, isto é, entregue a Deus, no entanto, saímos da senda reta, do caminho certo, mas o retorno à religião é a reversão desse caminho.” (Ferreira, 2009, p. 2).

No caso da comunidade xiita de Foz do Iguaçu, de acordo com o sheik a maioria das reversões acontece por causa do casamento. Geralmente a brasileira conhece um muçulmano, se casa com ele e decide se reverter. A reversão é antes de tudo uma decisão e o sheik aconselha que a mesma seja tomada após muito estudo e certeza.

" (...) o processo de conversão é geralmente longo, e alguns convertidos vão se adaptando nesse período – e por que não dizer experimentando o estilo de vida muçulmana –, os familiares e amigos começam a perceber mudanças antes mesmo da conversão. Isso não minimiza, em alguns

casos, os desconfortos que tais mudanças geram. Algumas famílias se assustam, num primeiro momento, e passam a ter dificuldades de relacionamento, (...)." (MARQUES, 2010, p. 137)

Segundo o sheik, não é porque a mulher se casa com um muçulmano que ela deve aderir a religião do marido. Inclusive em Foz tem muçulmanos libaneses que são casados com brasileiras cristãs que permaneceram cristãs e que os se respeitam.

3.2 A religião dos muçulmanos.

O Islã é uma tradição religiosa monoteísta que surgiu na Península Arábica aproximadamente no século VII, seu principal propagador foi o profeta Muhammad (conhecido como Maomé).

Islã, ou islame, na sua etimologia árabe, significa resignação à vontade de Deus, e muçulmano (do árabe muslim, ou seja, "submetido ao islame") refere-se ao adepto de Maomé (ou Muhammad) e, portanto, aos ensinamentos do Profeta contidos no Corão (Qurân) o livro sagrado, o livro das revelações feitas por Deus, segundo a tradição. (Linhares, 1992, p.20)

É muçulmano todo aquele que acredita em Um Deus e reconhece que Muhammad é seu último Profeta e Mensageiro; pessoas de todas as raças e nacionalidades em todos os países do mundo formam a Ummah (a comunidade mundial do Islam). Embora o Islam, como sabemos, começou na Arábia e a maior parte dos muçulmanos sabe um pouco da língua árabe, somente 18% dos muçulmanos são árabes. (WAMY, 2016?, p.14)

O Alcorão é a principal fonte de fé e prática do muçulmano. É um guia que lida com todos os assuntos que dizem respeito aos seres humanos, desde a fé e a adoração; comunidade e relacionamentos; economia e até mesmo as ciências da física; mas o seu temas principal é a relação entre Deus e Sua criação. (WAMY, 2016?, p.18)

3.2.1 Os cinco pilares da fé.

A religião se apoia em cinco pilares, são eles:

Shahada – Proclamação de fé.

“Não há ninguém merecedor de adoração, exceto Deus. E Muhammad é Seu mensageiro”. (WAMY, 2016?, p.18) Essa declaração deve ser feita por quem decide se tornar muçulmano. Nela observamos o princípio da Unicidade de Deus e vemos a importância do Profeta Muhammad na religião.

Salat – Oração.

A religião possui cinco orações obrigatórias diárias. Certa vez, ouvi de um sheik que a oração é o momento em que o indivíduo se conecta com Deus. Ele deu um exemplo que aqui transcrevo com as minhas palavras.

É como se na frente da casa de alguém tivesse um rio e que cinco vezes ao longo do dia essa pessoa tomasse banho nesse rio estando assim sempre limpa preparada para qualquer situação, por exemplo, a morte.

A oração é um momento em que o fiel se conecta com seu Deus, uma oportunidade para ele refletir sobre suas atitudes. As cinco orações são: *fajr* (feita ao amanhecer), *zuhr* (realizada ao meio-dia), *asr* (executada a tarde), *maghrib* (praticada no pôr do sol) e *ichá* (efetuada a noite). A oração não pode ser feita de qualquer maneira.

Antes é preciso fazer a ablução (*wudhu* em árabe) que consiste em lavar as mãos, o rosto, os braços até o cotovelo e os pés até a altura do tornozelo. A oração é feita na direção de Meca.

Zakat – Contribuição financeira.

Os muçulmanos devem doar 2,5% de sua renda anual para caridade. Esse dinheiro pode ser entregue ao sheik que o dará as famílias mais necessitadas da comunidade.

“O zakat é você pagar o dízimo em português. O teu dízimo é obrigatório você pagar dois e meio por cento do seu lucro. Digamos que você tenha um dinheiro depositado lá no banco e que você ganhou, digamos assim, você tem dez mil e passou o ano inteiro e você ganhou mil reais. Você vai pagar dois e meio por cento em cima desses mil reais. Então é um percentual em cima do seu lucro que são dedicados às obras da igreja e a caridade. É obrigatório.” (U, brasileira muçulmana).

Saum – Jejum.

Ramadan é o nono mês do calendário lunar e o período em que os muçulmanos devem se privar de comida, bebida e relações sexuais entre o amanhecer e o pôr do Sol. “O Ramadan é um período anual de reflexão, purificação e renovação espiritual: o tempo livre é dedicado à oração, à recitação do Alcorão e à prática mais intensa da caridade.” (WAMY, 2016?, p.36) Em Foz do Iguaçu

geralmente o fim do período é comemorado com festa na mesquita.

Hajj – Peregrinação.

Acontece no mês lunar de *zul hijja* quando muçulmanos de todas as partes do mundo vão à cidade sagrada de Meca. É uma obrigação para os que tem condições físicas e financeiras. É uma experiência marcante como podemos observar no seguinte relato:

“A pessoa que entra, que chega até lá, todos os pecados dela são perdoados e todos os desejos dela são atendidos. Olha, se você quer sentir um pedacinho do paraíso, eu estava lá dentro. É indescritível. Se entrar na internet agora, entra no site de Meca, no templo de Abraão, que você vai ver, gente, você se sente em um pedacinho do céu. Lá você tem renascimento espiritual, você se sente mais perto de Deus, você esquece do mundo inteiro, você não lembra que você tem casa, que tem espírito, nem nada. E tudo que eu pedi lá dentro, desde saúde, a parte espiritual, tudo aconteceu! Até as coisas mais impossíveis aconteceram! (...) Quem viaja para Meca nunca mais é o mesmo. Quem viaja para Meca... nossa você vê Deus ali e depois você vê tudo acontecendo na tua vida, você se olha e fala assim “Deus, quem é essa misericórdia? De onde vem tanto amor por parte de Deus?” Você se vê envolto em luz, em fé e coisas boas, então você transforma a sua vida. Você tem amor pelo próximo. Nossa, é muito maravilhoso!” (U.).

3.3 Outras crenças e práticas

Para escrever sobre as crenças e práticas religiosas, utilizei principalmente anotações do meu caderno de campo.

Além dos cinco pilares, o islã possui outras crenças que fazem parte da vida de seus integrantes. Para escrever sobre elas, recorri a anotações que tomei nas aulas de religião que participei durante minha pesquisa de campo.

Ashura

Nos dez primeiros dias de *Muharram*, primeiro mês do calendário lunar, é lembrado o martírio de *Iman Hussein* que aconteceu em *Karbala* (atual Iraque) cerca de 50 anos após a morte do profeta *Muhammad*. *Iman Hussein* – que era neto do profeta – morreu em uma batalha sangrenta lutando em nome da justiça contra um tirano.

Du'a – Súplica.

A *du'a* é um texto com palavras de adoração e pedidos direcionados a Deus. Durante meu trabalho de campo eu tive a oportunidade de participar em algumas ocasiões de leituras coletivas.

Apesar de serem súplicas, elas não servem apenas para pedir coisas para Deus, elas são uma forma de adoração. Nelas o indivíduo reconhece sua dependência em Deus e sua soberania. Elas também servem como consolo em momentos de problemas, o indivíduo suplica a Deus por uma situação que o aflige e confia que ele responderá e o ajudará no tempo certo, pois na religião islâmica Deus é soberano e tem o controle de tudo.

As súplicas possuem tamanho variado e algumas são indicadas para momentos específicos (como o mês do *ramadan*).

As duas fotos que trago abaixo como exemplo são trechos de súplicas que eu tive acesso durante minha pesquisa. Em ambos os casos, recebi o texto na primeira vez que participei da leitura e o levava sempre que sabia que na ocasião iríamos o utilizar.

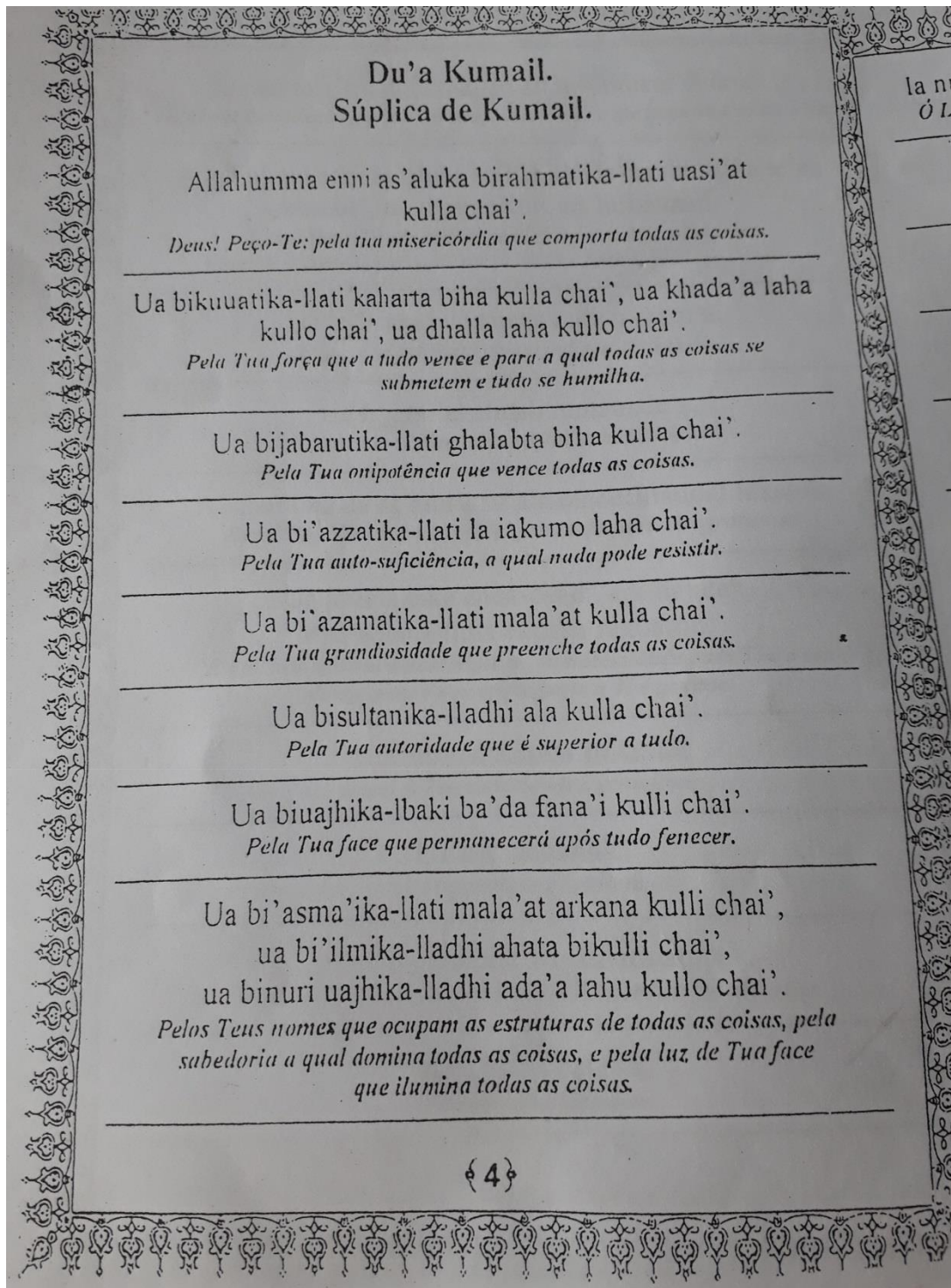


Imagem 2 - Trecho inicial da *Du'a Kumail*. Em árabe e português. (Imagem: Marcelle)

“Deus! Peço-Te: pela tua misericórdia que comporta todas as coisas/ Pela tua força que a tudo vence e para a qual todas as coisas se submetem e tudo se humilha./ Pela Tua onipotência que vence todas as coisas./ Pela Tua autossuficiência, a qual nada pode resistir./ Pela Tua grandiosidade que preenche todas as coisas./ Pela Tua autoridade que é superior a tudo./ Pela Tua face que permanecerá após tudo fenecer./ Pelos Teus nomes que ocupam as estruturas de todas as coisas, pela sabedoria a qual domina todas as coisas, e pela luz de Tua face que ilumina todas as coisas.”

30 Ó meu abrigo na tristeza! Ó meu guardião em dificuldades!
 31 Estou em busca de refúgio! E em busca de ajuda!
 32 Então me ajude, e remova as minhas dificuldades. Ó vós que libera o preso e
 33 perdoa os inúmeros pecados,
 34 Aceite de mim essas pequenas coisas, e perdoe-me Ó grande. Na verdade, tu és
 35 misericordioso e clemente.
 36 Ó Deus, peço-te uma fé que vai trazer alegria ao meu coração. Eu peço uma
 37 absoluta certeza na fé até que eu tenho certeza que nada vai me acontecer, exceto
 38 o que escreveu para mim,
 39 E me fazer contente com a vida que tens decretado para mim, O mais
 40 Misericordioso dos Misericordiosos!
 41 Ó Deus, abençoe Muhammad e a família de Muhammad.

Imagem 3 - Passagem final da Dua'a Abo Hamzah al-Thumali. (Imagem Marcelle)

3.3.1 Jesus no islã.

Sim, os muçulmanos acreditam e respeitam Jesus. Para eles Jesus – filho da virgem Maria que também é exemplo na religião – nasceu de um milagre já que não teve pai humano e além de servo de Deus:

(...) uma figura humana e histórica, e um dos grandes mensageiros de Deus: ele era virtuoso e sábio mestre; ensinou através do seu exemplo pessoal e falou sem medo contra a corrupção; profeta e messias do povo israelita, um homem que curou, fez milagres e trouxe à vida. (WAMY, 2016?, p.28).

Jesus – diferentemente do que se acredita na religião cristã, por exemplo – não foi morto crucificado, ele foi substituído por outra pessoa e Deus levou seu corpo ao céu.

É importante deixar claro que eles não adoram Jesus e não o enxergam como figura divina. Na religião o único digno de adoração é Deus (*Allah* em árabe).

Ó adeptos do Livro, não exagereis em vossa religião e não digais de Allah senão a verdade. O Messias, Jesus, filho de Maria, foi tão somente um mensageiro de Allah e o seu Verbo, com o qual Ele agraciou Maria por intermédio do Seu Espírito. Crede, pois, em Allah e em seus mensageiros e não digais: Trindade! Abtende-vos disso, que será melhor para vós; sabeis que Allah é Uno. Glorificado seja! Longe está a hipótese de ter tido um filho. A Ele pertence tudo quanto há nos céus e na terra, e Allah é mais do que suficiente Guardião. (Alcorão 4:171)

3.3.2 Alimentação

Se você mora em Foz do Iguaçu com toda certeza já deve ter ouvido ou lido a expressão “alimento *halal*” ou “carne *halal*”. Na cidade, existem vários lugares que só servem comida feita com ingredientes *halal*. Mas o que é esse tal de *halal*? É doce? Salgado?

A palavra *halal* quer dizer permitido, ou seja, é aquilo que os muçulmanos podem fazer. Já a expressão “*haram*” quer dizer proibido. Essas duas palavras se aplicam em diversos aspectos na vida do muçulmano.

Alimentos *halal*, são aqueles cujo consumo é permitido. Tomemos como exemplo a carne de animais. De acordo com a religião, animais devem ser sacrificados com o mínimo de sofrimento possível e seu sangue deve ser totalmente drenado antes do consumo. Eles devem ser mortos também em nome de Deus. Um exemplo de animal *haram* considerado impuro e de consumo proibido é o porco.

Substâncias que alteram a consciência como bebidas alcoólicas e drogas são consideradas *haram*, portanto são proibidas. O cigarro é permitido pois não muda o indivíduo.

“Por que nós não comemos certos alimentos? Não comemos porque Deus, através dessas proibições ela vai dizer para você assim: “você tem que cuidar do seu corpo na terra, é através da tua saúde que você não vai sofrer; então não coma carne de porco, não beba, tudo isso vai fazer mal para você, pro teu corpo”. Entende? Por isso existem as proibições de Deus, não é porque seja algo coisa ruim que ele quer limitar tua vida. Ele quer que você tenha uma vida saudável. É para o teu bem, para nosso bem.” (U.)

3.3.3 A mulher no islã

Quando falamos sobre a mulher muçulmana é quase como se houvesse um mistério envolvendo-a. Quem é essa pessoa que usa lenço e roupas comportadas? Por que ela mesmo estando no Brasil e no clima quente do verão usa blusas de manga comprida e um lenço que deve ser super quente? A resposta é Fé.

Ao contrário do que muitos pensam o lenço não é uma imposição. Veja bem, não estou dizendo que ele não é uma obrigação, pois ele é sim. O alcorão é claro:

Dize às crentes que recatem os seus olhares e conservem os seus pudores e não mostrem os seus atrativos, além dos que (normalmente) aparecem; que cubram o colo com seus véus e não mostrem os seus atrativos, a não

ser aos seus esposos, seus pais, seus sogros, seus filhos, seus enteados, seus irmãos, seus sobrinhos, às mulheres suas servas, seus criados isentos das necessidades sexuais, ou às crianças que não discernem a nudez das mulheres; que não agitem os seus pés, para que não chamem a atenção sobre seus atrativos ocultos. (...) (Alcorão 24:31)

Ainda assim, o lenço é uma escolha e a mulher só começa a usar quando se sente pronta, pois não é fácil carregar no corpo algo que representa sua fé e muitas vezes não é compreendido.

“Tem que ter muita fé para você se cobrir com roupas largas, do pé até a cabeça, usar lenço. As pessoas têm uma informação muito errada sobre tudo isso. Eles pensam que é submissão, é uma submissão, mas a Deus, não ao homem. Eles têm aquela ideia de que a mídia passa de que nossa vestimenta é de uso obrigatório de uma sociedade machista e não é isso. A vestimenta do muçulmano é uma submissão a Deus, então ela está escrita tanto no alcorão que diz que a mulher deve se vestir de forma modesta, como na bíblia. Então se você pegar o alcorão hoje em alguns versículos vai pedir claramente que a mulher tenha uma postura mais modesta, uma vestimenta mais modesta e que ela cubra os cabelos.” (U.).

3.3.4 Além do lenço

Pode ser que após ler isso você esteja pensando: “tudo bem, a mulher usa lenço por escolha, mas com certeza ela tem menos direitos que os homens na religião.”

Não. Homens e mulheres possuem direitos iguais na religião. O que muda é que cada um possui obrigações diferentes de acordo com o sexo que nasceram. É responsabilidade do homem ser o provedor do lar, assim como é dever da mulher cuidar do lar e dos os filhos. A mulher é livre para estudar e trabalhar, mas a prioridade é sua família.

Outro estereótipo que envolve as muçulmanas é sobre o casamento, mais especificamente sobre o direito que o homem tem de se casar com quatro mulheres.

Ele pode sim, mas não é simples. Existem regras. Por exemplo, para ele se casar uma segunda vez a primeira esposa precisa autorizar (e se não aceitar, pode vetar) e ele – o marido – precisa ter condições de sustentar de forma igual todas as esposas e filhos. Também precisa ter um motivo, por exemplo, a primeira

esposa não pode ter filhos.

A religião tolera a poligamia – que é o homem ter várias mulheres, mas não a poliandria, ou seja, uma mulher não pode se casar simultaneamente com vários homens.

Tolera porque não é o ideal e nossa realidade social mudou. Essa prática era comum na época do surgimento da religião, o profeta Muhammad se casou com mais de uma mulher. Na época as mulheres não eram independentes e dependiam financeiramente de algum homem para a sustentar, quando seu marido morria (por exemplo na guerra), a solução era ela se casar com outro homem para ela e seus filhos não ficarem desamparados e conseqüentemente não passarem fome e outras necessidades¹.

¹Como funciona a poligamia no Islam? – Disponível em <
<https://www.youtube.com/watch?v=M6krqv5Tvl8> > Acesso em: 16/10/2017.

4 ENTRE SENTIMENTOS, AFETOS E APRENDIZADOS NO CAMPO

O trabalho de campo foi uma das experiências mais incríveis que tive na graduação e provavelmente a que mais aprendi. Para mim foi mais que um momento de coletar dados e conhecer outra religião.

“Tudo que nos surpreende, que nos intriga, tudo que estranhemos nos leva a refletir e a imediatamente nos conectar com outras situações semelhantes que conhecemos ou vivemos (ou mesmo opostas), e a nos alertar para o fato de que muitas vezes a vida repete a teoria.” (PEIRANO, 2014, p.2)

No meu caso, a vida se repetiu em campo. Ao ter contato com o islã eu observei cenas comuns na religião cristã – ambiente no qual eu cresci e faço parte – se repetirem em espaços da religião muçulmana. Orações, estudos do livro sagrado, cuidado com a vestimenta e até mesmo conversas sobre Deus.

Como já dito anteriormente durante um tempo eu participei de aulas de religião. Quando eu comecei a fazer o curso, as aulas eram ministradas em uma casa.

Uma noite, próximo às dez horas, estava voltando com uma amiga do curso. Estávamos indo em direção a uma avenida de grande movimento onde eu pegaria um ônibus e minha amiga seguiria para a casa dela. A noite era agradável, não havia quase ninguém na rua, estávamos tranquilas, caminhando, conversando sobre a aula de forma descontraída. Até que em determinado momento a gente avista dois cachorros latindo mais adiante no nosso caminho.

Veja bem, era noite, a rua estava deserta e estávamos com medo e sozinhas. O que você faria nessa situação? Você, eu não sei, nós, mudamos nosso caminho e entramos em outra rua que.... Adivinha o que? Também tinha cachorros bravos!!! Novamente mudamos nosso caminho e dessa vez suspiramos de alívio ao não encontrar cachorros. Durante toda essa situação e principalmente quando a gente se deparou com os cachorros, nós recorremos a nossa fé.

Quero aqui refletir sobre a particularidade dessa situação. Eu e minha amiga passamos pela mesma fatalidade. O medo, o alívio ao ver que não tinha mais cachorro nas ruas seguintes. E até reconhecemos que aquilo em que acreditamos

foi o responsável por nos manter segura e impedir que algo ruim acontecesse. A única diferença é que ela recorreu a *Allah* e eu ao Deus cristão.

Cenas semelhantes ocorreram em campo. E no meu caso, acreditar em algo, ter uma fé, me ajudou a entender a fé de outras pessoas. Fez até mesmo que eu me conectasse e não estranhasse completamente acontecimentos vistos e vividos.

No capítulo dois eu escrevi sobre as du'as, súplicas que os muçulmanos fazem. A primeira vez em que participei da leitura foi em uma quinta-feira à noite em uma roda de mulheres. Na ocasião foi lida a súplica de Kumail que até então eu não conhecia. Todo mundo estava lendo e eu acompanhei a leitura também. Conforme a leitura seguia eu me dei conta de que algumas frases da du'a eram coisas que eu falaria para Deus em minhas orações pessoais.

Ainda que aquele contexto – o islâmico – fosse novo pra mim, o universo da fé não era, e mesmo que expresso de forma diferente, ter fé em algo faz sentido pra mim.

Era uma manhã de outubro de 2014. Na noite anterior eu tinha participado de um evento na Sociedade Beneficente Islâmica em recordação da ashura. Era o primeiro dos dez dias que as mulheres se reuniriam. Eu não sabia muito bem o que iria acontecer. Na época o centro cultural era em um sobrado e seu interior estava decorado de TNT preto. Nos reunimos em uma sala. Minha cabeça estava a mil porque eu queria registrar cada detalhe. Quem eram aquelas mulheres? Por que se reunir durante dez dias? Posso tirar fotos ou gravar? O que tudo isso significava?

Antes de começar foram distribuídos lenços de papel e aí que eu não entendi nada mesmo. Então alguém apagou as luzes e uma moça começou a narrar uma história. Sempre em árabe e em português. A narração era diferente de tudo que eu já tinha ouvido, era feita de forma melódica, rimada, ritmada e cantada.

E a história ... ah, era uma história que eu nunca tinha ouvido antes, uma história triste. Tão triste que muitas mulheres estavam chorando ao meu redor e usando o lenço distribuído anteriormente para secar suas lágrimas. Isso tudo de alguma forma me contagiou e me fez querer chorar também. Só que nesse momento eu entrei em conflito comigo mesma.

Antropólogos choram? Nós enquanto pesquisadores podemos demonstrar emoções em campo? Nós nos emocionamos em campo? É permitido isso? Todos esses sentimentos eram novos para mim, uma vez que na minha cabeça eu tinha

que manter a imagem de pesquisadora séria. Tantas vezes eu ouvi em sala que os antropólogos precisam ser neutros em campo. O que é neutralidade em uma pesquisa? O que é ser neutro? É não se emocionar ou não deixar que as emoções influenciam a pesquisa?

Essa foi a primeira de muitas vezes que eu me senti afetada de verdade em campo. E foi após essa experiência que eu percebi que emoções estão presentes no trabalho de campo.

E é por isso que uma das maiores surpresas que eu tive em campo foram os laços que desenvolvi com algumas interlocutoras. Laços de amizade. Esses laços – que tiveram profunda influência na minha pesquisa – em diversos momentos levantaram questões importantes e determinaram o tipo de pesquisadora eu gostaria de ser. Fui também afetada pelas amizades que surgiram em campo.

Encontrei com ela sexta no fim da manhã. Antes de irmos para sua casa, fomos em algumas lojas para que ela comprasse uma roupa para usar naquela noite. Ela estava com sua filha pequena, enquanto ela procurava as roupas eu olhava a menina. Acabei virando amiga da filha dela. Eu a ajudei a escolher uma roupa e ela me ajudou a achar um lenço. Depois fomos para sua casa, almoçamos (hambúrguer feito de carne halal).

Conversamos sobre muitas coisas. Falei sobre minha pesquisa, minha fé, a minha experiência em Foz do Iguaçu. Disse bastante coisa sobre minha família e sobre a saudade que eu sinto de casa. Conte um pouco sobre minha fé, sobre como está sendo pra eu conhecer o islã.

Ela me falou um pouco sobre sua vida e sua família. Cada vez mais eu percebo que como pesquisadora é impossível apenas coletar informações. É preciso haver uma troca, uma sinceridade espontânea. Por exemplo, eu amo crianças e quando estava com a filha dela eu fiquei literalmente brincando com a menina. A tal ponto de que quando estávamos caminhando na rua a menina de forma natural deu a mão para mim.

Na casa dela foi a mesma coisa. São momentos que surgem naturalmente, momentos em que você não pensa em anotar as respostas ou as conversas. Momentos de relacionamento. Foi gostoso passar o dia com ela.

Essas amizades geraram preocupações e me fizeram ter cuidado para que algumas pessoas que tiveram papel fundamental no desenvolvimento desse projeto não fossem expostas com detalhes pessoais de suas vidas (e assim, corressem o risco de serem identificadas e perderem sua privacidade), detalhes revelados dentro de uma relação de amizade que é mais profunda do que pesquisador-pesquisado.

Apesar de considerar como campo todos os momentos em que estive em contato com a comunidade muçulmana – e por assim dizer com muçulmanos e o meu principal objetivo ser a confecção deste trabalho, considero que eu não fui em todo tempo pesquisadora.

Graças ao meu trabalho eu ganhei amizades que vão além do mundo acadêmico. Amizades que no começo me assustaram e que eu em minha ingenuidade enquanto estudante não imaginava que elas em algum momento da pesquisa surgiriam ou até mesmo serem possíveis.

No começo da minha pesquisa eu tinha um plano traçado, um ótimo plano por sinal. Conseguir me aproximar da comunidade muçulmana e conhecer possíveis interlocutores. Participar de atividades/cerimônias que me ajudassem compreender as bases do islã, fazer algumas entrevistas, escrever o trabalho final. Não estava no plano criar laços ou se identificar com mulheres que no início eu pensava que eram diferentes de mim.

4.1 O campo e o aprender constante

O campo é um lugar onde não apenas se aprende sobre o outro, nós pesquisadores também aprendemos a agir como o outro. Uma das primeiras coisas que pude aprender antes mesmo de estar fisicamente em campo, foi como eu deveria me vestir.

Ao comentar com um amigo muçulmano que iria visitar a mesquita, ele me aconselhou a ir com calça, blusa comportada e com um sapato que eu pudesse tirar com facilidade para entrar na mesquita. Com o tempo – e de forma natural – eu adquiri um lenço e aprendi a colocação básica.

Um outro exemplo associado com essa questão do aprendizado é que passei a prestar atenção em detalhes inusitados.

Era sábado à noite e nesse dia em especial eu estava feliz porque tinha pintado meu cabelo sozinha em casa e estava animada com o resultado. Uma amiga

reparou e comentou “ah, você pintou o cabelo!”. Eu fiquei feliz por ela ter percebido e respondi que sim achando que ela iria elogiar ou fazer algum comentário positivo. A resposta dela foi: “Ah, não pode, pois é ashura e durante 40 dias estamos de luto”. Eu fiquei totalmente sem graça e não sabia como responder.

No próximo relato eu só não fiquei sem graça porque não fazia ideia tamanho equívoco:

Dessa vez, eu não combinei de ir com ninguém. Quando eu cheguei não vi ninguém conhecido e entrei por onde eu tinha entrado das outras vezes – pela porta marrom. Antes de subir a escada e entrar no salão eu coloquei um lenço. Percebi que um cara olhou para mim como se algo estivesse errado, na hora eu pensei que fosse coisa minha, sem importância.

Minha cabeça estava aérea, estava preocupada com tanta coisa e com achar alguém conhecido que eu acabei não me importando. Eis que no final eu acho minhas amigas e saio com elas por uma escada diferente da que eu entrei. Uma escada que dava no portão amarelo e que não fazia ideia de que existia. Dias depois eu descobro que em alguns eventos realizados lá, homens e mulheres entram por locais diferentes. Acontece.

O que você responderia se seus interlocutores comentassem de te ajudar de uma forma inusitada como nessa outra situação?

Na volta paramos em um posto de gasolina para encher o pneu. Enquanto o motorista desceu eu e duas amigas (brasileiras muçulmanas) ficamos no carro. Elas conversavam entre si sobre o casamento de uma delas que estava próximo. Ela estava contando como tinha conhecido o noivo (que por um acaso era o motorista que tinha descido do carro), como ele era perfeito, cavalheiro, gentil com ela, essas coisas. A outra moça disse que o marido dela também era perfeito e que os muçulmanos em geral são assim. E eu estava quieta só ouvindo. A moça que estava noiva disse: “precisamos arrumar um marido assim para a Fulana” e a outra moça respondeu em tom de brincadeira: “precisamos arrumar um marido assim para a Marcelle”. A minha reação foi rir e agradecer silenciosamente a Deus porque o noivo voltou logo e a gente mudou de assunto. Muitos pensamentos acerca disso.

E o campo é tão amplo que não se limita a determinado espaço físico como, por exemplo, uma sala de aula ou sala de oração. Conversas em cafés, encontros na casa de um alguém. Até mesmo em um grupo de whatsapp podemos aprender.

A ideia era conversar sobre religião já que no momento o centro cultural parou com as atividades. Elas sentem falta do lugar, falta de ter um espaço para aprender sobre a religião. Fui a primeira a chegar. Um tempo depois chegam outras duas moças.

O tema da noite foi o Ramadã, o jejum que logo começará (dia 18). Uma das moças tinha pesquisado e foi a que mais falou. A noite foi boa e aprendi coisas novas. O legal do campo é isso, a oportunidade de conversar com alguém que vivencia aquilo e aprender com ele.

Eu aprendi muito com elas falando sobre o que sabiam e como achavam que deveriam ser feitos. Nessa noite, para mim não importou se as informações estavam “corretas” e sim o que para elas era o correto.

Em campo, aprendi algumas expressões e palavras em árabe que são usadas no cotidiano da religião. Por exemplo, quando os muçulmanos se encontram eles falam *Salamu Aleikum*.

No começo quando eu ouvia, não fazia ideia do que significava e apenas acenava em resposta. Até que me explicaram que a expressão quer dizer algo como “que a paz esteja com você” e que se deve responder com “*Aleikum Salam*”.

Com o tempo se tornou normal pra mim utilizar esse cumprimento com meus amigos muçulmanos. Outra expressão bastante usada é “*inshala*” que quer dizer “se Deus quiser, se Deus permitir”. Na religião cristã, alguns segmentos adotam uma prática semelhante.

Na minha igreja quando encontramos amigos de fé estendemos as mãos e falamos “a paz do Senhor” e a pessoa responde da mesma forma.

“O que de fato aprendemos é a lidar com o campo etnográfico e suas nuances” (FERREIRA, 2009,459). Esse aprender é diário e os “erros” que cometemos fazem parte do processo.

É sentar no lado dos homens, pintar o cabelo durante o evento em que as pessoas estão em luto ou ir com uma blusa colorida quando todos estão de preto,

esquecer de levar o lenço, fazer perguntas inadequadas, não saber como se portar em determinadas situações.

O lado bom é embora o campo continue sendo imprevisível, conforme o conhecemos e também após algumas observações, os erros diminuem, nossas perguntas começam a fazer sentido, os termos se tornam familiares.

Em determinado momento fiquei sabendo de um curso intensivo sobre o islã com duração de duas semanas que aconteceria na cidade de Curitiba. A organização do evento oferecia ainda hospedagem e alimentação. Seriam duas semanas aprendendo sobre o islã e tendo a chance de conviver diariamente com praticantes do grupo que eu estudava, era uma oportunidade única, por isso, mesmo sem ter ideia de como seria, de quem eu encontraria, fui!

Curitiba acabou sendo uma experiência incrível e uma das mais intensas que eu tive em campo até hoje. Na época eu me senti como aqueles antropólogos que vão para lugares distantes estudar grupos completamente diferentes. Na verdade, essa comparação é um tanto exagerada, mas a experiência me marcou pois eu nunca tinha convivido de verdade com aquelas pessoas.

O acordar e o dormir junto, reclamar da vida, ter uma identificação com quem você nunca viu, de em alguns momentos desejar uma pausa daquilo. Não que eu não tenha tido momentos intensos em campo antes, a diferença é que depois de algumas horas eu ia pra casa, deixava tudo um pouco de lado e voltava a pensar naquilo depois de alguns dias.

Em Curitiba era como se eu estivesse recebendo um monte de informação e não tivesse tempo de absorver tudo aquilo.

Passei a me dar conta de que o meu olhar enquanto pesquisadora mudou. O estranho já não era tão estranho. No começo eu anotava exatamente tudo que eu via, agora como eu já sei como algumas coisas funcionam, elas não me chamam mais atenção. Também percebi que eu passei a entender algumas coisas que no início não faziam sentido.

Gostaria de finalizar o capítulo com um fragmento retirado do meu caderno de campo que narra uma das situações que mais me marcou durante a parte prática da pesquisa. Além de registrar a experiência, meu objetivo era escrever um texto claro para dividir com meu orientador para que a gente conversasse sobre algumas das questões observadas. Nomes foram alterados e algumas informações pessoais foram omitidas.

1 de março de 2015 (domingo). Entrevista com uma repórter de um jornal na Husseinie (xiita).

Fiquei sabendo dessa entrevista no fim da aula de religião da sexta, dia 28. Na ocasião a B disse que uma repórter de um jornal importante gostaria de conversar com as meninas e todas poderiam ir, até as que não usam véu.

Assim que ela falou tive vontade em participar, mas também receio e pensei muito a respeito. Antes de relatar a entrevista é preciso que eu descreva a razão que me levou a estar lá.

Desde que iniciei o contato com as muçulmanas eu tenho tido muito cuidado com a minha postura. A ideia de “pisar em ovos”, procurar ser aceita e confiável para que elas se sintam à vontade para conversar comigo. É como se existisse um código de conduta e eu sempre estou buscando aprender para não fazer feio ou cometer “erros”.

A imagem que eu passo enquanto pesquisadora é frágil e eu preciso cuidar dela. O receio em ir foi pelo fato de que seria um evento voltado para o grupo, eu não faço parte do grupo e não queria ser intrusa lá.

Até que a B me mandou uma mensagem no whats falando a hora e as perguntas da entrevista. Eu aproveitei e pedi autorização para ir e prometi que ficaria quieta. Ela deixou, mas eu não me convenci porque pra mim ela falou sim apenas por educação.

No domingo (dia da entrevista) eu mandei mensagem para a C, uma das moças que faziam curso comigo perguntando se ela iria e se ela achava que tinha problema se eu fosse. Ela me encorajou e eu decidi ir. Combinamos de nos encontrar na frente da mesquita.

Fui. Mesmo sem saber o que esperar dessa entrevista.

O meu objetivo em ir era ouvir, observar e ser discreta. Eu não levei caderno de campo. Por isso esse relato é mais sobre as minhas impressões e coisas que chamaram minha atenção.

A entrevista foi em uma sala da Husseinie. O que me chamou atenção foi que quase ninguém compareceu. A senhora que me convidou disse que chamou cerca de cinquenta mulheres e foi apenas ela, eu, a C, a D, duas jovens e a esposa do sheik.

A explicação da senhora foi que antes já usaram entrevistas de forma errada e que por isso quase ninguém participa mais. Isso explica a preocupação delas em gravar a entrevista, registrar tudo o que fosse falado, como uma forma de se protegerem no futuro, caso algo fosse usado de forma indevida.

Assim que eu cheguei ao local da conversa, antes de entrar, eu coloquei um lenço. Na porta, B estava conversando com C e procurando onde no alcorão estava escrito sobre a mulher e a parte sobre assassinos (se preparando para questões relacionadas ao estado islâmico). Quando eu entrei na sala uma das jovens estava revisando o alcorão e com um livro sobre “o direito da mulher no islã”.

A repórter começou explicando que queria conhecer as mulheres muçulmanas, queria saber mais da vida delas. E que a entrevista seria da seguinte forma: um gravador registraria tudo o que acontecesse e uma câmera gravaria os depoimentos de uma pessoa por vez.

Eu não me lembro de tudo o que foi falado. Na hora uma complementava a fala da outra. Foi muita coisa perguntada.

A entrevista com a câmera começou com D. Ela foi a que mais falou, a mais desinibida. Ela contou a história dela, disse que sempre foi feminista, o que causou espanto na repórter, “como uma muçulmana feminista?”. Disse que era evangélica praticante e nas festas das pessoas da igreja ela via todo mundo bebendo cerveja e se incomodava pois isso era proibido e mesmo assim as pessoas faziam.

Ela se casou com 18 / 19 anos (não tenho certeza, lembro que ela disse foi bem nova) com um muçulmano, mas não se converteu. O marido dela contou o básico que ela precisava fazer, ela, mesmo sem entender disse sim para se casar e continuou sendo evangélica.

Durante cerca de seis anos ela estudou o islã e comparou com o cristianismo. O que – segundo ela – foi ponto máximo e a fez ir para o islã foi uma noite em que como sempre ela colocou os filhos para dormir e disse “não esquece de orar antes de dormir”. O filho então perguntou: “Mãe eu oro como você ou como o pai?”. Nesse momento ela se deu conta de que a casa dela estaria se dividindo e ela não queria isso.

Ela relatou ter uma filha que é muçulmana praticante e que não usa o véu. E ela respeita. Chegou a idade dela começar a usar, ela não quis, foi adiando até que ela não usa e pronto. Pelo que eu entendi do que a D e as outras mulheres falaram foi que não usar o véu é pecado. Usar o véu é uma ordem de Deus. Mas a menina

coloca o véu quando se sente pronta.

Elas crescem nos valores da religião, entendendo o significado de tudo. Tem uma idade certa para colocar o véu e todo ano tem uma festa para as meninas que colocam. A fala da D ser feminista ficou confuso para mim. Eu queria muito ter gravado o discurso dela! Ela é feminista porque é a favor dos direitos e independência das mulheres, mas tem um “porém” e não entendi a fala dela depois do “porém”.

Ela também citou que de acordo com leis do Islã, se a mulher quiser e exigir ela pode ser paga por amamentar os filhos e fazer o serviço de casa. Respondeu também sobre o estado islâmico, nesse momento a B deu o celular para ela ler a citação do alcorão – a mesma que ela separou antes de a entrevista começar.

A C falou sobre direito das mulheres. Quando a moça perguntou sobre o uso do véu, o tema estupro acabou surgindo. Falou sobre vaidade. Disse que muçulmana é vaidosa, combina roupa – “usamos o preto básico que combina com tudo” – faz o cabelo e fica arrumada em casa.

Jovem 1

A jovem 1 falou sobre a ideia de família no Islã, que o homem e a mulher exercem um papel diferente na estrutura do lar. Participou da conversa sobre o véu.

A repórter perguntou sobre como foi crescer sendo muçulmana, sua resposta foi que tudo aconteceu de forma natural, desde colocar o véu a criar laços entre eles. Suas amigas sempre foram muçulmanas, na escola, boa parte das meninas usava o véu.

Quando ela foi para a faculdade, teve certa dificuldade, pois ela era a única muçulmana que usava véu na turma. Ela também teve dificuldade com o contato com os professores, porque no Islã a mulher não pode ter contato físico com nenhum homem que ela possa casar.

Ela explicou que quando um professor vai cumprimentar ela com as mãos, ela explica que a religião não permite. Disse que no futuro, quando chegar o momento, ela pretende formar uma família, dar um tempo da sua vida profissional e se dedicar ao marido. Me surpreendeu, pois ela tinha 18 anos.

Para a C foi perguntado sobre sua história e como ela se converteu.

Ela era evangélica, separada e tinha filhos. Começou a pesquisar sobre o Islã

e decidi conhecer a mesquita e encontrou uma família. Nesse momento ela chorou de emoção. Disse que hoje a família dela são aquelas pessoas.

No Islã ela encontrou uma família e o sentido da vida dela. Ela quer encaminhar sua família na religião. Converteu-se em um ano e meio e usa véu há oito meses. Como logo de cara a C chorou, a repórter ficou satisfeita e não ficou perguntando muita coisa.

Aqui é importante destacar que das três brasileiras muçulmanas que deram a entrevista, todas se converteram de um segmento cristão.

Marcelle

A repórter quis conversar comigo e eu aceitei, mesmo com medo. Acredito que minha entrevista foi importante, não para a reportagem e sim para o meu relacionamento com as meninas. Foi mais um tijolo na construção desse relacionamento. Uma oportunidade que tive de revelar minha postura, meu pensamento e o que eu estou fazendo ali.

A minha maior preocupação foi com o que eualaria e comoalaria. Por mais que eu estivesse ali como pesquisadora, eu continuo sendo a Marcelle cristã e na minha cabeça eu tinha que equilibrar na minha fala.

Eu gravei minha fala e por isso consigo descrever detalhadamente o que eu falei. Me apresentei como estudante de antropologia, disse ter vindo para Foz do Iguaçu pela faculdade e que quando cheguei o que mais me chamou atenção na cidade foram as muçulmanas usando o véu no calor de quarenta graus da cidade, eu queria entender e por isso decidi pesquisar o Islã. relatei que o meu contato começou por um curso de religião para entender o Islã no centro cultural. Mencionei que as muçulmanas são gentis e ajudam bastante.

Detalhe: quando eu comecei a falar todo mundo parou e me ouviu!

Me senti observada. Na primeira entrevista as atenções se voltaram a ela, mas depois rolou diversas conversas paralelas. Mas quando eu falei, eu vi a D sorrindo pra mim pelas minhas respostas. A esposa do sheik estava me olhando. E ficava pensando: “Marcelle não fale besteira”. Eu nem olhei para a cara da B para não saber a reação dela.

Ela (a repórter) me perguntou como que era usar o véu. Eu respondi que não sou convertida, mas estava com o véu por respeito ao lugar em que eu estava e que não uso o véu no meu dia a dia. Disse considerar que as pessoas não entendiam por falta de conhecimento a religião, o Islã.

Mencionei aprender muito desde que comecei a pesquisar. Que as pessoas têm uma visão errada, que ouvem o que a mídia fala e não se preocupam em saber mais a fundo.

Ela me perguntou se eu achava que o ser humano estava pronto para lidar com a diversidade. Respondi que pra mim, o ser humano não sabe lidar com a diversidade. Que ele não sabe respeitar o outro. Na verdade eu falei muito sobre respeito.

Relatei que na antropologia nós temos que a ideia de cultura não tem certo ou errado. Que devemos respeitar o outro apesar das diferenças, sejam elas quais forem. Aprender a conviver com o outro, independente de concordar ou não com ele.

Ela me perguntou sobre meu projeto e eu disse que ainda não tinha um foco definido. No momento ainda estou conhecendo a religião e descobrindo que a mulher muçulmana é muito mais que o véu. Tendo maior conhecimento nas pessoas, que amam a Deus e que por isso fazem tantas coisas, mas não por medo.

Citei o caso de uma pessoa que me deu carona na volta de uma das aulas do curso e que me passou o celular dela, falando para eu ligar caso precisasse de algo. Eu disse que mesmo não sendo parte da comunidade, eu sei que posso contar com cada uma delas.

Mencionei ser o meu primeiro campo, tendo muito para aprender a lidar, que tenho aprendido muito com elas, sobre delas e sobre mim. Meu pensamento e minha mente se abriu e mudou.

Nessa hora ela me perguntou o que mudou em mim. Eu falei que via o exemplo delas e que elas fazem tanto por amor a Deus e que muitas vezes eu como cristã me pergunto o que eu faço para o meu Deus, que às vezes nós nos acomodamos. E também pensar mais em ajudar o outro.

Ela quis saber o que eu achava da islamofobia. Eu disse que acho que existe no Brasil, porque as pessoas não querem entender o outro. Tudo que é diferente chama atenção, as pessoas olham. Deixei claro que sou conta. E que as pessoas deveriam buscar entender antes de criticar ou falar. Entender sobre o que é o Islã. Que as pessoas acabam formando uma imagem errada sobre a religião. Que muito do que a mídia apresenta não é o islã. Que o islã prega a paz, o amor e não violência.

Espero que a repórter não use minhas palavras nem a de qualquer uma que falou de forma errada.

Fotos

Depois a repórter quis fazer fotos das moças. Eu não quis sair em nenhuma das fotos. Acompanhei e aproveitei o momento para tirar fotos minhas, para meu acervo. As fotos foram na mesquita, na sala de oração, elas ajoelhadas orando.

Finalizando ...

A experiência em si foi legal, acompanhar a forma de atuação de repórter profissional. Gostaria de saber como elas se sentiram na hora das fotos.

Foi bom também pra sentir o terreno em relação a entrevistas. Muitas não compareceram para conversar com uma repórter de um jornal considerado grande, isso quer dizer algo e tem influência direta com a minha pesquisa. Eu percebi que elas se prepararam para serem julgadas.

Eu entrei na sala de oração dos homens!!!!²

Troquei contato com a repórter.

**Outra coisa muito legal que aconteceu foi que a B e a C pegaram um vídeo da professora e pesquisadora Francirosy Ferreira sobre a mulher no Islã para mostrar para repórter. Ela se interessou e está querendo falar com a professora para complementar a entrevista.*

Você deve estar se perguntando como terminou essa história. No fim, a reportagem que foi publicada como um texto acompanhado de um vídeo, ficou ótima. Tão boa que presenciei ela ser exibida por muçulmanos em dois eventos diferentes.

² Até esse momento da pesquisa eu não tinha tido oportunidade de entrar na sala deles.

A antropologia trabalha, sobretudo, com pessoas singulares, que carregam consigo – além do tema que nos interessa estudar – sentimentos. Foi por isso que o trabalho de campo me marcou, pois além de conhecer um grupo de pessoas e outra religião, eu fui imprevisivelmente afetada por eles.

5 CONCLUSÃO

A maior motivação em escrever esta etnografia era conhecer o Islã e eu espero que você ao ler este projeto de pesquisa tenha conhecido um pouco da religião também e percebido que ela é bem diferente dos estereótipos que vemos por aí. Minha principal conclusão é as pessoas que seguem a religião o fazem porque encontraram nela uma forma de ver o mundo que faz sentido e que as faz feliz.

Eu observei que as aulas de religião e outros tipos de encontros coletivos – como os para estudar algum ponto específico da religião ou leitura de du'as – são importantes, principalmente para os novos muçulmanos e os ajuda a fortalecer sua fé.

Outra conclusão importante que entendi no decorrer do trabalho de campo, é que as mulheres muçulmanas não são oprimidas pelo lenço que usam. Apesar de não ser fácil, as que decidiram usar, o fazem por amor a Deus.

Sobre a experiência de fazer uma etnografia, a maior conclusão que eu cheguei é que não importa o quanto você se prepare para o seu primeiro trabalho de campo – teoricamente falando – você nunca vai estar pronto de verdade e que ele sempre vai te surpreender de alguma forma, seja com as atitudes do grupo ou com sua própria.

REFERÊNCIAS

Como funciona a poligamia no Islam? – Disponível em

<<https://www.youtube.com/watch?v=M6krqv5Tvl8> > Acesso em: 16/10/2017

ESPINOLA, Cláudia Voigt. A MULHER NO ISLÃ. **Direitos Humanos, violência e gênero**. Disponível em

<<http://www.equiponaya.com.ar/congresos/contenido/XJornadas/pdf/7/7-Espinola.PDF>> Acesso em 30/07/2014.

FERREIRA, Francirosy Campos Barbosa. Redes Islâmicas em São Paulo: **“Nascidos muçulmanos” e “revertidos”**. Revista Litteris, v. 3, 2009.

FERREIRA, Francirosy Campos Barbosa. **Mais de mil e uma noites de experiência etnográfica: uma construção metodológica para pesquisadores-performers da religião**. Etnográfica, v. 13, n. 2, p. 441-464, 2009.

LINHARES, Maria Yedda. **Oriente Médio e o Mundo Árabes**. 3ª edição. São Paulo – SP: Brasiliense, 1992. 113 p. Coleção Tudo é história. Volume: 53.

MARQUES, Vera Lúcia Maia. **Convertidos ao Islã: brasileiros e portugueses/Converted to Islam: Brazilians and Portuguese**. Horizonte, v. 8, n.

17, p. 125-145, 2010. Disponível em

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2010v8n17p125/0>> Acesso em: 28/11/2017.

MONTENEGRO, Silvia M. **Discursos e contradiscursos: o olhar da mídia sobre o islã no Brasil**. Mana, v. 8, n. 1, p. 63-91, 2002.

MONTENEGRO, Silvia; PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. **As Comunidades Muçulmanas na Tríplice Fronteira: Identidades Religiosas, Contextos Locais e Fluxos Transnacionais**. 26ª RBA. Porto Seguro, Bahia, 2010

Quais são os direitos das mulheres no Islam? – Disponível em: <

<https://www.youtube.com/watch?v=sBibg-wUYKM>> Acesso em: 16/10/2017

RABOSSI, Fernando. **Árabes e muçulmanos em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este: notas para uma re-interpretação. Mundos em movimento: ensaios sobre migrações.** Editora UFSM. Santa Maria, 2007.

SILVA, Regina Coeli Machado. **Reordenação de identidade de imigrantes árabes em Foz do Iguaçu.** Trabalhos em Linguística Aplicada, v. 47, n. 2, p. 357-373, 2008.

VASCO, Luis Guillermo. **Así es mi método en etnografía.** Tabula Rasa, Bogotá , n. 6, p. 19-52, June 2007 . Disponível em:
<http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-24892007000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 9/09/2017.

WAMY América Latina. **Islam em resumo.** 2016 ?